

UM INÉDITO DE MIGUEL BAPTISTA PEREIRA SOBRE FILOSOFIA MEDIEVAL

MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO*

Um acaso administrativo no tempo em que integrámos a equipa do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, fez-nos deparar com um texto inédito dactilografado e assinado pelo punho do próprio Miguel Baptista Pereira (1929-2007) respeitante ao Programa de “História da Filosofia Medieval” por ele proposto para o ano lectivo de 1971-72. O interesse por essa matéria levou-nos nessa ocasião a fotocopiar o original que hoje transcrevemos no fim desta brevíssima nota. Encontrando-se em fase de preparação as *Obras Filosóficas Completas* do Professor Miguel B. Pereira talvez seja interessante darmos a conhecer o inédito abaixo.

Certamente que um mero Programa não tem a relevância de uma obra filosófica. Todavia, por um lado, não é muito vulgar evidenciar-se a longa passagem de Miguel Baptista Pereira pela docência da Filosofia Medieval, habituados que estamos a lembrá-lo, sobretudo, isto é, talvez só após 1973/74, mais ligado ao ensino da Antropologia Filosófica, área em que sobressaiu como Mestre e como pensador. A verdade porém é que Pereira leccionou História da Filosofia Medieval pelo menos desde 1965/66, regência que manteve, como dissemos, até 1972/73. Antes, quer dizer, a partir de 1958/59 lecciona História da Filosofia em Portugal; em 1960-61: História da Filosofia Antiga, Lógica e Metodologia, Axiologia e Ética (com Luís Reis Santos); em 1961-62: História da Filosofia Antiga, Lógica; e a partir da data lembrada (1965) consagrou-se talvez exclusivamente à Filosofia Medieval, exclusividade rompida no ano lectivo 1973/74 em

* Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação (FLUC). Devo alguns dos dados aqui aproveitados principalmente aos alunos Isabel Borges e Óscar dos Santos Costa, a quem agradeço, mas vários estudantes de Filosofia em Portugal, durante estes últimos anos, foram também importantes na recolha da informação lectiva.

que passou a abraçar, com a Antropologia, a Ontologia (então unidas), e nesse mesmo ano havendo regido ainda cumulativamente a disciplina de Introdução à Filosofia.

Por outro lado, e na sequência de algum trabalho já realizado¹, julgamos que, talvez mesmo mais do que (ou pelo menos tanto quanto) a inspecção aos Sumários registados pelos docentes, como contributos para se fazer a história do ensino da Filosofia no centenário da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, se deveria estudar (sempre que isso fosse possível) os Programas gizados pelos protagonistas desses 100 anos. O exame do momento em que um docente universitário pensa um Programa lectivo pode ser eloquente quanto à sua perspectiva filosófica, e esta dimensão não tem sido bem aproveitada até hoje. Ora, Miguel Baptista Pereira encontrava-se perfeitamente fadado para o ensino da Filosofia Medieval. Sendo certo que na lista das suas obras não se encontram trabalhos específicos sobre a matéria², a sua dissertação de doutoramento sobretudo testemunha de maneira ímpar o seu invulgar domínio nessa área científica³. Neste campo ele aliás afigurava-se-nos como um herdeiro dos Conimbricenses haja em vista que tal como estes também Pereira citava profusamente, como que em hipertexto⁴, como hoje em dia se diz. Mais ainda, em todos os seus artigos – sempre ansiosamente aguardados, recordo – o seu conhecimento ímpar da História da Filosofia nunca soçobrava, antes se agigantava, no momento de sobraçar e sopesar os temas medievais. Pelo menos em duas ocasiões distintas, tivemos ocasião de nos referirmos ao conhecimento que da Filosofia Medieval detiveram dois mestres portugueses, Vieira de Almeida e José Gil⁵, ambos, como

¹ Vd. v.g. M.S. de Carvalho, «Filosofia e Universidade. Em torno de um Episódio da História da Filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra. ‘In memoriam Michaelis B. Pereira’» *Revista Filosófica de Coimbra* 17 (2008) 7-38.

² Cf. J.M^a André et al., «Bibliografia de Miguel Baptista Pereira», in *Ars Interpretandi. Diálogo e Tempo. Homenagem a Miguel Baptista Pereira*, Porto, 2000, 9-13. Importa no entanto referir uma recensão à obra de A.-D. Sertillanges, *As Grandes Teses da Filosofia Tomista* (1951) e, naturalmente, o Prefácio à tradução de *A Visão de Deus*, de Nicolau de Cusa (1988).

³ M. B. Pereira, *Ser e Pessoa. Pedro da Fonseca. I- O Método da Filosofia*, Coimbra 1967.

⁴ Cf. S. Wakúlenko, “Enciclopedismo e Hipertextualidade nos ‘Commentarii Collegii Conimbricensis in Universam Dialecticam Aristotelis Stagiritae (Coimbra, 1606)”, in O. Pombo et al. (ed.), *Enciclopédia e Hipertexto*, Lisboa 2006, 302-357.

⁵ Cf. respectivamente, «Vieira de Almeida e a ‘tranchée’ de Agostinho. Sobre a História da Filosofia» *Revista Filosófica de Coimbra* 19 (2010) 235-272; «‘Tremendos são os deuses quando aparecem às claras’. Notas sobre a Evidência, ‘in memoriam Ferdinandi Gil’», in AA.VV., *A Razão Apaixonada. Homenagem a Fernando Gil*, Lisboa 2008, 129-142.

Pereira, não se revendo como especialistas na matéria. Ora, neste sector do conhecimento filosófico Miguel Baptista Pereira superou-os a todos. De facto, em *Ser e Pessoa*, obra publicada quatro anos antes do inédito que ora publicitamos, além dos inúmeros “excursus” de uma fantástica erudição, poder-se-á considerar o capítulo III, “Formas medievais do método filosófico”, como um clássico no seu género, mormente no âmbito da literatura em português. Impressiona depois a plêiade de teólogos e filósofos abordados com precisão e inequívoca actualização – ou melhor: estudos e ponderados, em muitos casos – com particular relevo para (cito por ordem alfabética): Agostinho de Hipona, Alberto Magno, Alberto de Saxónia, Alexandre de Hales, Anselmo de Cantuária, Averróis, Avicena, Boaventura, Boécio, Burgúndio de Pisa, Cassiodoro, Egídio Romano, Gerardo de Cremona, Gilberto de Poitiers, Godofredo de Fontaines, Guilherme de Moerbeke, Guilherme de Ockham, Guilherme de Saint-Thierry, Guilherme de Shyreswood, Henrique de Gand, Hugo de São Vítor, Ibn Gabirol, Isidoro de Sevilha, Ivo de Chartres, João Escoto Eriúgena, João Duns Escoto, João de Salisbúria, Pedro Abelardo, Pedro Hispano, Pedro Lombardo, Ricardo de Mediavila, Ricardo de São Vítor e Tomás de Aquino, entre muitos mais. Todo este conhecimento, evidentemente, não poderia ser explicado exclusivamente pela passagem do autor pelo seminário católico diocesano em que se instruiu enquanto jovem⁶, antes nos devendo remeter para uma densamente responsável e meditativa prática hermenêutica da Filosofia, qual a que ele mesmo regista, por exemplo, num artigo de 1983, com as seguintes palavras, aliás destinadas a toda a Faculdade de Letras: “Estabelecer a comunicação objectiva e crítica com o passado, esclarecer o significado do nosso enraizamento temporal, investigando criticamente os possíveis contextos da nossa referência à tradição, sob pena de ruptura da nossa consciência do mundo e da consequente obnubilação de sentido, são tarefas que especificamente incumbem às ciências humanas praticadas nas Faculdades de Letras.”⁷ Esta é, aliás, apenas uma das muitíssimas citações possíveis que bem ilustram a sua relação tão superior com a História da Filosofia em geral e o seu peso na reflexão e no trabalhos filosóficos.

Dito isto, passemos a um breve enquadramento e apreciação do inédito, lamentando embora que a ele o autor não tivesse agregado, como seria necessário, uma Bibliografia para os alunos. Antes de mais,

⁶ Cf. L.R. Torgal, «Miguel Baptista Pereira, pensador católico», in J.A.P. Ribeiro (coord.), *O Homem e o Tempo. 'Liber Amicorum' para Miguel Baptista Pereira*, Porto 1999, 423-39.

⁷ M.B. Pereira, “Considerações sobre a dimensão científica da Faculdade de Letras” *Biblos* 59 (1983) 16.

talvez fique bem evocar, em momento de centenário, quem, antes de 1971 ensinou História da Filosofia Medieval na Faculdade de Letras. Alves dos Santos em primeiro lugar (1911-20), seguido naturalmente de Joaquim de Carvalho (1920-29); seguiram-se-lhes Sílvio Lima (1929-35); Jules Chaix-Ruy, num breve interregno (1935-36); Manuel Trindade Salgueiro (1936-40); de novo retomada por Joaquim de Carvalho (1940-41), antes de passar para Miranda Barbosa (1941-54), que conta a partir de 1954-55 com a colaboração de Vítor de Matos, nas aulas práticas, e de Cruz Pontes, a partir de 1957-58 (que assiste nas aulas práticas até 1960). Vítor de Matos retoma a coadjuvação de Miranda Barbosa em 1963, e em 1964 Joaquim Ferreira Gomes lecciona História da Filosofia Medieval, seguido por Miguel Baptista Pereira no ano lectivo imediato. Esta actividade será temporariamente interrompida em 1968, com a leccionação de José S. da Silva Dias, para ser imediatamente retomada até 1973 ano em que J.M. da Cruz Pontes passa a reger a cadeira. Como se vê e ficara dito antes, quando escreve o Programa abaixo reproduzido, já B. Pereira leccionava há muito esta disciplina. Trata-se portanto de um Programa maduro, devidamente cogitado e criteriosamente gizado. Mas, se tivermos em consideração os mestres que antes a haviam leccionado, os nomes que se destacam são os de Alves dos Santos, Joaquim de Carvalho, Trindade Salgueiro e Miranda Barbosa. Não podemos, evidentemente, aqui e agora, confrontar todas estas propostas, aliás providas de épocas historiográficas tão diferentes e de professores e pensadores incomparáveis entre si. Mas mesmo que quiséssemos correlacionar a actividade de Miranda Barbosa à de Baptista Pereira, haja em vista a confessada dependência deste último em relação ao mestre⁸, teríamos de notar uma impressão de radical diferença no discípulo. A observação é nítida se reproduzirmos, por exemplo, os Sumários de História da Filosofia Medieval das aulas que M. Barbosa rege conjuntamente com a assistência de Vítor de Matos no ano lectivo de 1963-64:

I - Introdução: Método e Objecto da História da Filosofia Medieval

A. QUESTÕES PROPEDÊUTICAS: MÉTODO E OBJECTO

1. Generalidades. Ordem das questões.
2. Dificuldades em relação à História da Filosofia Medieval. Concepções de “Filosofia” e “História da Filosofia”. Visões da “Idade Média”. Dificuldades metódicas.

B. OBJECTO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL

1. Noções fundamentais. “Filosofia” e “História da Filosofia”.

⁸ Cf. v.g. M.B. Pereira, *Ser e Pessoa...* 19.

A História como ciência. A História da Filosofia como ramo da História da Cultura.

2. O pensar medieval. Limites da Idade Média. Sentido restrito de Filosofia Medieval: a Escolástica medieval, seus limites cronológicos.
3. A Filosofia na Idade Média. Carácter predominantemente teológico da cultura medieval. Existência de filosofias na Idade Média. Actualidade de problemas filosóficos medievais.

C. MÉTODO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL

1. Método analítico ou monográfico. Heurística e hermenêutica. Organização de edições críticas: genealogia dos manuscritos e reconstituição de textos. Análise histórico-filosófica das doutrinas. Fontes. Ciências auxiliares. Finalidades do método.
2. Método comparativo ou sintético. Natureza e finalidades do método. Síntese e análise.

D. ESCOLHA DE PROGRAMA

1. Âmbito das civilizações medievais. As várias culturas na Idade Média. Necessária redução: a Escolástica latina
2. Métodos. Fusão dos métodos analítico e sintético⁹.
3. Origens e prolongamentos do pensar medieval. Raízes antigas da Escolástica. Primeiros adaptadores da Filosofia grega ao Cristianismo: a Patrística. Transmissão do saber antigo à Idade Média. Prolongamento moderno da Escolástica: a Nova Escolástica. Os movimentos contemporâneos neo-escolásticos¹⁰.

II. Origens da Filosofia Medieval: O Contributo Clássico

A. HELENISMO E CRISTIANISMO

1. A cristianização do pensamento grego. Filosofia. Religião. Filosofia e Teologia. Ciência e Sapiência. Fontes respectivas. Relação entre filosofia grega e doutrina cristã: justificações patrísticas.

⁹ Lê-se também: Indicação do texto a comentar nas próximas aulas: *Enneadas* de Plotino.

¹⁰ Lê-se também: Enquadramento histórico-filosófico e comentário de “Sobre a vida de Plotino e a ordenação da sua obra” por Porfírio.

2. Aspectos do contributo clássico para a mundividência medieval. Investigação dialéctica e atitude filosófica. Harmonia e inteligibilidade do cosmo. Distinção entre mundo sensível e inteligível. Dimensão ética da sabedoria antiga.
3. Transformação cristã da cosmovisão antiga. Contributo filosófico da doutrina cristã. Noção de Deus e do homem. O teocentrismo e a transformação da visão harmónica do cosmo em concepção hierárquica do mundo. Descoberta de novos valores: a “ordo amoris” do universo. Transformação da visão fiscalista, estética e estática do cosmo. Origens cristãs das noções de “Progresso” e “História”. Conceito cristão de “pessoa”: sentido ético e dramático do real e da História e sentido agónico da Cultura.
- 4 Utilização cristã da filosofia grega. Propagação do Cristianismo no mundo clássico: exemplo de S. Paulo no Areópago. Apologética pagã e cristã. Heresias e construção teológica¹¹.

B. PANORAMA FILOSÓFICO DA CULTURA HELENÍSTICA

1. Características gerais do pensamento helenístico. Transformações políticas. Fusão da cultura greco-romana com culturas orientais. Perduração dos grandes sistemas clássicos e sua modificação. Feição mística das escolas. Sincretismo e eclectismo. Método de interpretação alegórico: natureza, universalidade, variedades de método. A filosofia como doutrina de salvação: “mistérios” da religião grega e suas relações com escolas filosóficas.
2. O neopitagorismo. A tradição pitagórica. O neopitagorismo e os cultos dos “mistérios”. Princípio de perfeição como regulador do mundo inteligível. Método alegórico e simbolismo dos números. Ascetismo e filosofia da vida.
3. Platónicos ecléticos e pitagorizantes. Sincretismo filosófico: a restauração do platonismo no séc. I e as influências que sofreu. Principais representantes do eclectismo platónico-pitagorizante. Preparação da síntese neo-platónica. Celso e a apologia do paganismo.
4. Epicurismo. O materialismo epicurista. Ordenação metódica da Filosofia. As comunidades epicuristas.

¹¹ Lê-se também: Continuação do comentário “Sobre a vida de Plotino...” por Porfírio.

5. O estoicismo. Origem e evolução. O método alegórico. Divisão da Filosofia. A Física. Teologia e teleologia. Psicologia. Ética: influência da ética estóica nos moralistas cristãos.
6. Cépticos e Académicos. Fases do cepticismo grego. A Nova Academia. Utilização dos argumentos cépticos pelos cristãos, sua influência na formação das Teologias negativas.
7. A filosofia greco-judaica. Helenismo e judaísmo. Filon de Alexandria¹².
8. O neoplatonismo. Orígens. Amónio Sacas: problemas sobre a sua personalidade e a sua obra. Os discípulos de Amónio: Plotino.
9. Fim da Filosofia grega. Assimilação dos valores clássicos pelo Cristianismo. Encerramento das escolas filosóficas.

C. O PENSAMENTO DE FÍLON DE ALEXANDRIA

1. Método e objecto da doutrina filoniana. Acordo da fé e razão. Método filoniano de interpretação alegórica. Fontes pagãs e fontes judaicas do método. Sentido espiritual e moral do método. Obras de Filon. Ideias de Filon sobre a lei judaica e o Império Romano.
2. Deus e o mundo: problema dos intermediários. Teoria filoniana da Criação. Oposição entre Deus e o mundo: os intermediários. Sentido e interpretação dos intermediários.
3. O culto espiritual. A inspiração e o êxtase. Teoria da imortalidade.

D. PLOTINO E O NEOPLATONISMO

1. Vida e obra de Plotino. Fontes biográficas: a “vida de Plotino” de Porfírio. Formação de Plotino. Sua actividade. Publicação das “Enéadas”.
2. Objecto e plano da filosofia plotiniana. Mundo sensível e inteligível: princípios e categorias – aristotelismo e platonismo. Objecto da Filosofia. Explicação e salvação. Processão e conversão.
3. Primeira hipóstase: o Uno. Aspectos lógico e ontológico.

¹² Lê-se também: As “vidas” de Plotino por Eunapius (*Vitae Sophistarum*, sec. IV – V d.C.) e por Suidas (sec. X d.C.). Exposição (por uma aluna) e debate sobre a relação entre as “concepções de vida e de filosofia em Plotino”, à luz dos elementos bio-doxográficos disponíveis.

Origens doutrinárias. Interpretação lógica, ontológica e ética. Razões da processão.

4. Segundo hipóstase: a Inteligência. Processão da Inteligência. Aspectos lógico e ontológico. Identificação da Inteligência com o mundo inteligível: origens históricas dessa identificação, consequências que comportou.
5. Terceira hipóstase: a Alma do Mundo. Concepções platónica e aristotélica da alma. Origens platónica e estóica da teoria plotiniana. A alma como inteligência actuante. As almas como partes da Alma do Mundo. Influência da teoria neo-platónica da alma na interpretação do aristotelismo escolástico do séc. XIII: o averroísmo latino e as críticas de S.Tomás¹³.
6. A Matéria e o mundo sensível. Matéria inteligível e matéria sensível. Natureza da matéria: sua realidade e substancialidade. Sentido polémico da existência da matéria.
7. O problema do Mal. Fontes. Pessimismo e optimismo plotiniano. Plotino e os gnósticos.
8. A conversão. Descida e subida da alma. Os graus da perfeição: vida, reflexão, intuição e êxtase.
9. Conclusões. Sentido plotiniano do divino. Interpretações imanentistas e transcendentalistas: realidade e valor. Caracteres helenísticos do neoplatonismo.
10. Evolução do neoplatonismo. Neoplatonismo e paganismo. Porfírio, Jámblico e Proclo. Os “Elementos da Teologia” de Proclo e o “Liber de causis”, O teorema da transcendência¹⁴.

E. AS CORRENTES DOMINANTES NA IDADE MÉDIA

1. Aristotelismo e neoplatonismo. Duas visões da filosofia medieval: augustinismo neoplatónico e tomismo aristotélico. Teses tradicional e platónica (F.Picavet). Fontes e evolução do pensamento medieval.
2. Influência de outras correntes antigas. Influência directa do platonismo. Estoicismo.
3. Conclusões.

¹³ Lê-se também: Comentário do livro III da 1ª *Enneada* de Plotino: “Da Dialéctica, ou dos meios de erguer a alma ao mundo inteligível”.

¹⁴ Lê-se também: Exposição (por um aluno) e debate, acerca dos antecedentes histórico-filosóficos da dialéctica plotiniana, à luz de uma dupla perspectiva da dialéctica: como «movimento do real» (cósmico e humano) e como “método”.

III. Origens da Filosofia Medieval: A Patrística

A. A “PATRÍSTICA”: SUA DEFINIÇÃO E DIVISÃO

1. Generalidades. “Padres” e “Doutores” da Igreja. Limites da “Patrística”. A “Patrologia”. Fontes.
2. Divisão da Patrística.

B. PATRÍSTICA ANTE-NICEIANA

1. Características gerais. Situação do Cristianismo no Império. Natureza das obras ante-niceianas. Clarificação.
2. O Cristianismo e o mundo clássico.
3. Judaísmo e Cristianismo.
4. Origens do Cristianismo. As primitivas fontes cristãs e seu interesse filosófico.
5. Os “Padres Apostólicos”. Definição. Géneros literários. Santo Inácio Mártir.
6. Os “Padres Apologistas”. Características da apologética cristã. S. Justino. Taciano. Atenágoras. Apologética latino-cristã: Minúcio Félix e Tertuliano.
7. Heresias ante-niceianas: o Gnosticismo. Tendências gerais. Fontes para o estudo das escolas gnósticas: problemas que suscitam. Origens e evolução histórica do Gnosticismo. Princípios filosóficos.
8. Escolas ante-niceianas de “Padres Doutores”.
9. A escola de Alexandria: Origens. Origens e evolução da escola de Alexandria. Clemente de Alexandria. Obra e doutrina de Orígenes: Deus, teoria da Criação, Teoria da “apocatástase”.

C. PATRÍSTICA POST-NICEIANA

1. Características gerais. Situação do Cristianismo no Império. Heresias.
2. Padres orientais e Padres latinos. Santo Ambrósio, S. Jerónimo, Santo Agostinho.

D. PATRÍSTICA DECADENTE

1. Generalidades. Papel cultural dos Padres da decadência.
2. Boécio. Obra. Projecção cultural na escolástica latina.
3. Cassiodoro, Santo Isidoro de Sevilha, Beda.
4. S. Martinho de Dume. Obra filosófica.

IV. Origens da Filosofia Medieval: Santo Agostinho

A. BIOGRAFIA ESPIRITUAL

1. Fontes.
2. Períodos da sua vida.
3. Obras.
4. Fontes da filosofia agustiniana.

B. MÈTODO E OBJECTO DA FILOSOFIA AUGUSTINIANA.

1. Relações entre a fé e a razão
2. Sistemática filosófica e objecto da filosofia¹⁵

C. PROBLEMAS DIALÉCTICOS

1. Dialéctica e Filosofia.
2. Possibilidade e valor do conhecimento. Refutação do cepticismo. O “cogito” agustiniano. Origem do erro. “Douta ignorância”. Sentidos da “verdade”.
3. Origem e graus do conhecimento. Ciência e sapiência.
4. Explicação do conhecimento. Teorias do “exemplarismo” e da “iluminação”

D. PROBLEMAS ONTOLÓGICOS

1. Deus, sua existência e natureza. Provas a posteriori da existência de Deus.
Prova lógica (*De libero arbitrio*, II). Natureza de Deus.
2. A Criação. Deus e o mundo. Teoria da criação ex-nihilo. Voluntarismo. Providência. Teoria da criação continuada. Optimismo: seus fundamentos. Criação e tempo. Natureza do espaço. Teoria das “rationes seminales” Fixismo e evolução.
3. Antropologia. Bi-substancialismo. Relações entre alma e corpo.
4. Psicologia. Natureza da alma. Faculdades. Imortalidade da alma. Origem da alma.

E. PROBLEMAS ÉTICOS.

1. A liberdade. Fundamentação do livre-arbítrio. Pessimismo antropológico: a natureza decaída. A Graça.

¹⁵ Lê-se também: Exposição (por uma aluna) e debate acerca das perspectivas do problema do mal em Plotino. Comentário do livro VIII da 1ª *Enneada* de Plotino. Indicação da projecção da perspectiva plotiniana da natureza do mal no pensamento de S.to Agostinho (refª *Confissões*, VII, e XI, n. 16).

2. Sentido da vida. A “agonia” cristã. Sua interpretação augustiniana.
3. A “Cidade de Deus”. Os problemas político-sociais e a filosofia da História.
4. Influência na filosofia medieval e moderna.

V. Os Transmissores da Sabedoria Antiga

A. A TRANSMISSÃO DOS CONHECIMENTOS NA IDADE MÉDIA

1. Dificuldades da transmissão.
2. Interesse histórico do problema.

B. TRANSMISSORES DO PLATONISMO

1. Conhecimento medieval das obras platónicas e neoplatónicas. Conhecimento directo de diálogos platónicos. Conhecimento indirecto do platonismo.
2. Os Padres da Igreja como transmissores do platonismo.
3. O “Corpus” dionisiano e a difusão do platonismo no Ocidente. O “Corpus” dionisiano. Problemas levantados pela sua autoria. Os comentários e traduções. Importância filosófica e influência medieval dos tratados dionisianos.

C. TRANSMISSORES DO ARISTOTELISMO

1. Influências indirectas.
2. As traduções latinas de Aristóteles. Difusão do Aristotelismo até ao séc. XII. As traduções árabe-latinas e a influência do aristotelismo na escolástica latina.
3. Os comentadores de Aristóteles conhecidos até ao séc. XII.

VI. A Renascença Carolínea

A. DECADÊNCIA E RENOVAÇÃO DA CULTURA NO OCIDENTE.

1. Causas da decadência cultural do ocidente romano
2. Causas do despertar da cultura nos fins do séc. VIII.
3. O Renascimento cultural no tempo dos carolinos.

B. O MOVIMENTO DAS ESCOLAS.

1. Tipos de escolas medievais.
2. Programa de estudos nas escolas.

VII. A Filosofia do Século IX. João Escoto Eriúgena

A. PANORAMA CULTURAL DO SÉCULO IX

1. O ensino nas escolas.
2. Problemas filosóficos fundamentais.
3. O problema dos universais no séc. IX.

B. A FILOSOFIA DE JOÃO ESCOTO ERIÚGENA.

1. Personalidade. Obras. Fontes.
2. Método da Filosofia.
3. Concepções filosóficas do “de divisione naturae”.
4. Interpretações.

VIII. A Filosofia no Século XI. Santo Anselmo

A. PANORAMA CULTURAL DO SÉCULO XI

1. Características gerais.
2. Dialécticos e Teólogos.
3. O problema dos universais no séc. XI

B. FILOSOFIA ANSELMIANA.

1. Vida e obra de Santo Anselmo.
2. Método da Filosofia.
3. Provas da existência de Deus no *Monologium*.
4. Prova da existência de Deus no *Proslogion*.

FIM

De uma simples leitura do Sumário (de Miranda Barbosa) quando confrontado com o Programa abaixo (de Baptista Pereira), ressaltará a passagem de uma perspectiva culturalista a uma outra hermenêutica (vd. a reflexão sobre o tempo); a tónica na história (só até ao século XII) é substituída por uma aproximação temática, mormente centrada no Mundo, Homem, Deus (vd. II 3 do Sumário), Razão e Metafísica, caracterizadas pela onto-teologia. Se ambos os docentes privilegiam o neoplatonismo, o Sumário destaca as figuras de Fílon e de Plotino enquanto o Programa se centra em Plotino e em Sto. Agostinho. Ambos os autores ingressam nitidamente na exploração atenta das origens clássicas (vd. II do Sumário), mas o Programa é marcado pela oposição pensamento clássico vs. bíblico, um tópico que já pudemos reconhecer como imperativo numa investigação que em certa altura uniu Vítor de Matos e Baptista Pereira e que poderia ter dado muitos frutos, talvez, não se tivesse dado o funesto acidente

que vitimou o primeiro professor¹⁶. Já a passagem para a Modernidade, sendo abordada no Sumário (I D 3), aparece no Programa (§§ 16 e 17) num horizonte que nos faz pensar num dos últimos textos de B. Pereira¹⁷. Enfim, se Sto. Anselmo de Aosta parece ser o herói do Sumário, além, é claro, da forte presença da Patrística (III e IV), mormente dos Apologistas e de Orígenes – lembremos a predilecção que Joaquim de Carvalho desde sempre dera ao neoplatonismo em detrimento do peripatetismo (tomismo) –, no Programa essa figura é nitidamente superada por Sto. Agostinho de Hipona, autor cuja ontologia fechará o Programa.

Sem mais delongas, portanto, reproduzimos a seguir *ipsis verbis* o dactiloscrito do Professor Miguel Baptista Pereira que, logo que descoberto, nos suscitou vivo e justificado interesse:

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL ANO LECTIVO DE 1971-1972

- 1) Relação entre Filosofia e História da Filosofia
 - a) Crítica a uma concepção intemporal da Filosofia e a toda a super-estrutura essencialista e formal: reposição do problema da *theoria* e da *praxis*.
 - b) O homem como “ser-no-mundo-histórico”: a unidade e multiplicidade constitutivas da ideia de “mundo”; modos de aparecimento desta unidade e a originalidade dos filósofos.
 - c) O mundo dado na linguagem: o aspecto diacrónico-sincrónico da linguagem, sua historicidade e o “círculo hermenêutico”.
 - d) O pluralismo de “linguagens” e de “mundos” e o problema da “compreensão”; o “triângulo hermenêutico” e o “círculo hermenêutico”.
 - e) Hermenêutica e tempo; dilucidação de diversas concepções de tempo e a importância da visão hebraica de tempo para a hermenêutica filosófica.
- 2) A visão clássica de “mundo” e sua transmissão à Idade Média.
 - a) Imagem clássica de “mundo” e progressiva oposição “mundo super-lunar” e “infra-lunar”.
 - b) Homem como “ser-no-mundo-clássico”.
 - c) Transmissão do “mundo clássico” à Idade Média: a) Papel

¹⁶ Cf. M.S. de Carvalho, «‘Aliqua est effectibilis, ergo aliqua effectiva’. Originalidade e novidade em Filosofia» *Itinerarium* 55 (2009) 311-327.

¹⁷ Cf. M.B. Pereira, «Metafísica e modernidade nos caminhos do milénio», *Revista Filosófica de Coimbra* 8 (1999) 3-63.

das escolas filosóficas: Platonismo, Aristotelismo, Estoicismo, Epicurismo, Cepticismo, Ecletismo; b) Especial importância do Platonismo, Aristotelismo, Estoicismo para a Filosofia Medieval.

- 3) Conceção bíblica de “mundo”.
 - a) “Mundo” como história no Antigo Testamento.
 - b) O tempo na literatura apocalíptica.
 - c) A escatologia do Novo Testamento.
 - d) Paralelo entre a concepção grega e bíblica de “mundo”.
- 4) Antropologia grega e Antropologia Hebraica
 - a) Características da Antropologia greco-latina e definição dos seus conceitos fundamentais.
 - b) Novidade e importância do *De Anima* de Aristóteles.
 - c) A unidade do homem no pensamento bíblico: a irredutibilidade dos conceitos básicos da antropologia bíblica aos correspondentes da Antropologia clássica: o perigo das traduções.
- 5) Antropo-teologia hebraica e Cosmo-teologia grega:
 - a) Características e distinções.
 - b) O conceito ocidental de ciência e sua raiz na visão cosmoteológica grega.
 - c) O sentido de “onto-teologia” e o conceito ocidental de Metafísica.
- 6) Antropologia hermética: origem e desenvolvimento; as duas visões inconciliáveis de Mundo, Homem e Deus.
- 7) Antropologia gnóstica:
 - a) Sentido da experiência gnóstica de “estar-no-mundo”.
 - b) Paralelo com a correlativa experiência clássica, sobretudo platónico-neoplatónica.
 - c) Sentido de dualismo gnóstico radical e não radical.
 - d) Gnosticismo e Metafísica da queda.
- 8) Antropologia Origenista:
 - a) Dificuldades na reconstituição dos textos.
 - b) Situação cultural de Orígenes.
 - c) Tentativa de conciliação da Metafísica da queda com a Metafísica da criação.
 - d) Concepções antropológico-metafísicas de Orígenes.
- 9) Críticas dos Apologetas cristãos e Padres da Igreja à Antropologia clássica; testemunhos de intelectuais cristãos e de concílios.

- 10) Sentido das Apologias anti-cristãs e a defesa da concepção clássica de Homem, Mundo e Deus.
- 11) Pluralidade de sentidos do termo “philosophia” nos quatro primeiros séculos.
- 12) Sentido de “escolástico” no mundo latino; a rede de escolas cristãs; o seu programa e tipo de ensino; as Universidades.
- 13) Os “dialécticos” do séc. XI e a autonomia da razão: o perigo da razão para a Teologia e a vida ascética.
- 14) Entrada da “razão clássica” na Universidade Medieval:
 - A. Platonismo e Neoplatonismo: a) fontes directas; b) Fontes indirectas.
 - B. Aristotelismo: traduções e divulgação.
 - C.
- 15) Proibição da leitura de Aristóteles na Faculdade de Artes da Universidade de Paris; a greve escolar de 1229 e suas consequências; a introdução dos livros naturais, do *De Anima* e da *Metafísica* nos programas da Faculdade de Artes; o aristotelismo “heterodoxo” e Averróis; as condenações de 1270 e 1277 e as suas consequências.
- 16) Filosofia e autonomia da razão:
 - a) A crise parisiense do séc. XIII, sua evolução no séc. XIV e o processo de secularização.
 - b) O conceito de “natura pura” de R. Belarmino e o conceito luterano de razão.
 - c) O “Iluminismo” da Razão Pura de Kant.
 - d) A “secularização” nos grandes sistemas filosóficos modernos e contemporâneos.
- 17) Filosofia Medieval e Metafísica:
 - A. Carácter onto-teológico da Filosofia Medieval.
 - B. Desenvolvimento moderno do carácter onto-teológico da Metafísica Tradicional: 1) Francisco Bacon: a “filosofia primeira” e os três objectos das disciplinas filosóficas; 2) concepção e divisão wolfiana da Metafísica; novidade desta divisão relativamente ao pensamento escolástico medieval; 3) concepção Kantiana de Metafísica e sentido da sua crítica; 4) a Metafísica nos grandes sistemas idealistas alemães e críticas a estes sistemas; 5) as quatro grandes críticas actuais à Metafísica.

18) Neoplatonismo:

I. Platonismo e Neoplatonismo

II. Plotino e a Metafísica:

- A) O Uno plotiniano e a tradição metafísica clássica; o Uno e a emanção; o problema da “diferença” (ὑλη) e o “mundo enquanto mundo”; a participação e a “continuidade” metafísica.
- B) O νοῦς como “mundo inteligível”; a “diferença” na constituição do νοῦς; a relação entre o Uno, o νοῦς, o Ser; a “gênese transcendental” da consciência intencional; a impensabilidade e a inefabilidade do Uno, a “saída de si mesmo” na geração do νοῦς e o problema da “diferença”; a “conversão” ao Uno e a semelhança; a intemporalidade da geração e da conversão.
- C) Terceira hipótese: a ψυχή; sua geração e conversão; características da ψυχή e a tradição filosófica grega; a divindade da ψυχή e a trindade neoplatônica; relação da ψυχή ao νοῦς e ao mundo sensível.
- D) Características da matéria:
 - a) Matéria como ἔσχατον: sentido e justificação desta expressão na Metafísica plotiniana.
 - b) Matéria como ὑποκείμενον: sentido desta expressão em Aristóteles e no pluralismo das formas da Idade Média; crítica de Plotino às expressões platônicas que designam a matéria; novidade do conceito aristotélico de ὑλη e sua aceitação e transformação por parte de Plotino; crítica de Plotino ao conceito estoico de ὑποκείμενον.
 - c) Matéria como μὴ ὄν: sentido desta expressão; a matéria como condição transcendental passiva dos corpos.
 - d) Matéria como τὸ κακόν: o “mal” no pensamento clássico e no pensamento de Plotino; a distinção entre “mal primeiro” e “mal segundo”; a necessidade do “mal primeiro” que é “sem o nosso consentimento” e “antes de nós”; paralelo com o “mal” em Agostinho e Tomás de Aquino; solução henocêntrica do problema do mal em Plotino; o papel da necessidade nesta solução em contraste com a liberdade em Agostinho e pensadores cristãos.
 - e) Paralelo entre os opostos τὸ ἐν e ἡ ὑλη e a ambiguidade da linguagem.
- E) Gênesis do homem e do mundo sensível:
 - a) A ψυχή, o λόγος, o νοῦς, o demiurgo e a ordem do mundo no pensamento clássico.

- b) As funções da Alma do Mundo em Plotino; o mundo como θεόστι.
 - c) A função mediadora da Alma do Mundo: sentido desta mediação.
 - d) Paralelo entre o νοῦς, a Alma do Mundo de Plotino e o νοῦς aristotélico:
- 1) Texto do livro *De Anima* sobre o νοῦς e dificuldades de interpretação.
 - 2) Posição dos Comentadores gregos do *De Anima*.
 - 3) Interpretação de Avicena e Averróis de “intelecto agente”.
 - 4) A identificação do “intelecto agente” com Deus em teólogos e filósofos medievais sob a influência da iluminação augustiniana; posição de Alexandre de Hales e de João de Rupella.
 - 5) Interpretação de Tomás de Aquino: o poder ontológico do νοῦς individual e pessoal.
- III. Ontologia Augustiniana:
- 1) Estrutura do “ente” augustiniano e sua composição.
 - 2) Juízo como lugar da captação do real.
 - 3) Distinção “verdade-verdadeiro” e a iluminação.
 - 4) A iluminação: a) enquanto sucedâneo da reminiscência; b) como criação, apelo e diálogo.
 - 5) O “ente” augustiniano é uno, inteligível e bom.
 - 6) O mundo enquanto ordem do ser; a conveniência, correspondência, harmonia, consonância – aspectos do “acordo” ontológico.
 - 7) O “acordo” na história ou a “Cidade de Deus”.

Miguel Baptista Pereira
(assinatura manuscrita)

